

# GRAMÁTICA DOS SONHOS

Luiz Gustavo Silva Souza  
UFES

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo apresentar alguns aspectos da teoria freudiana dos sonhos, como a origem das manifestações oníricas, seus mecanismos de formação e o método de interpretação utilizado por Freud, que influenciou fortemente a Psicologia e a Literatura do século XX. Expõem-se, primeiramente, os elementos básicos da teoria dos sonhos. Em seguida, tecem-se considerações a respeito das relações entre os sonhos, os sintomas e o sujeito, em Freud. Por fim, esboça-se um questionamento a respeito das condições sociais, políticas e econômicas que configuram novas significações para *A Interpretação dos Sonhos*, cem anos após sua primeira publicação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sonhos; interpretação; psicanálise.

## Introdução

Este artigo pretende discorrer sobre assuntos que muito se fizeram presentes na história do pensamento contemporâneo: os sonhos e a psicanálise. Como fica claro, a responsabilidade de escrever sobre tais temas é bastante grande. As influências e implicações que permeiam o nascimento e o desenvolvimento da psicanálise são muito numerosas e podem ser analisadas por quantidades de perspectivas a perder de vista. Nesse contexto, somos instigados por questões fundamentais: em que época surgiu a psicanálise? Como se constituía seu contexto científico? Como eram encaradas as patologias mentais?

Se retomarmos por um instante o século XVII, veremos o francês René Descartes afirmando a razão como o mais importante dos atributos humanos e única causa inquestionável da existência: *cogito ergo sum*. Para o filósofo, a razão era um presente divino (perfeita, por conseguinte) e se constituía no meio pelo qual poderíamos chegar ao conhecimento indubitável. Assim, o projeto cartesiano é o de construir um método para aplicar de maneira sistemática esse atributo divino: nasce o “Discurso do Método, para bem conduzir a razão e procurar a verdade nas ciências”.

Os séculos XVIII e XIX solidificaram a prática científica como o meio genuíno de conhecer o mundo. A segunda metade do século XIX reserva a grande influência da filosofia positivista fundada por Auguste Comte. Nesse contexto, a doença mental ficou a cargo da ciência médica: proliferaram os estudos caracterizados pela observação quantitativa e empírica do sistema nervoso. Inúmeros e respeitados anatomistas empenharam-se em pesquisar crânios e cérebros. Acreditava-se que se poderia prever o caráter de um indivíduo por meio da medição de seu crânio e do exame minucioso de suas características neurológicas. Procurava-se um substrato fisiológico para os acometimentos mentais.

É nesse contexto que Sigmund Freud estabelece uma ruptura. O fundador da psicanálise propõe o conceito de inconsciente. Por um lado, esse conceito indica que não temos total controle do aparelho psíquico. A razão consciente cartesiana seria a “ponta de um grande iceberg”. Por outro lado, o inconsciente é fixado como objeto próprio à investigação psicológica, marcando, assim, a dissociação da filosofia e da fisiologia exigida pelo momento científico.

A psicologia da consciência encontrava seu limite no sono humano: nossa atividade consciente pára quando dormimos. Freud assinala, então, sua dimensão revolucionária começando sua obra justamente pelos sonhos. Nasce em 1899, com data de publicação de 1900, *A Interpretação dos Sonhos (Die Traumdeutung)*, obra de importância crucial para todo o conhecimento psicanalítico.

Freud situa sua obra como um terceiro grande golpe contra o orgulho antropocêntrico ocidental. O primeiro teria sido desferido por Copérnico, quando assinalou que não éramos o centro do universo. O segundo, dado por Darwin, nos aproximou radicalmente da natureza, ao afirmar que o homem descende do macaco. A obra freudiana vem retirar o homem do conforto de sua própria razão. A partir de Freud, temos que conviver com a suspeita de que a consciência nasce da inconsciência.

Em seu texto “Nietzsche, Freud e Marx”, Michel Foucault dá visibilidade à revolução que afirmam esses três pensadores, no que tange ao símbolo e à interpretação. Freud participou do processo de construção de uma interpretação circular, que passa todo o tempo por si mesma, e que se constitui em tarefa infinita. É interessante voltarmos nossa atenção a *A Interpretação dos Sonhos*, obra que pode nos dar pistas fundamentais para o entendimento dessa reviravolta da perspectiva ocidental de interpretação, que tem inevitáveis implicações para a Psicologia e para a Literatura.

\*\*\*

Em outubro de 1998, aconteceu, em Washington, a exposição “Sigmund Freud: Cultura e Conflito”. Nela, o público pôde ver objetos pessoais e manuscritos do médico de Viena. A exposição girava em torno de um motivo contundente: a psicanálise faz seu aniversário de cem anos. No entanto, vários representantes da intelectualidade americana, escritores, cientistas e pensadores, assinaram uma petição solicitando o cancelamento da exposição, o que foi efetuado em seguida. Os signatários da petição alegaram o seguinte motivo: a psicanálise é uma fraude. Basearam-se, entre outros, no fato de que a teoria psicanalítica não leva em consideração os aspectos fisiológicos e bioquímicos do funcionamento mental. A renomada revista *Time* publicou, em 29 de novembro de 1993, um artigo de capa intitulado “Freud is dead” (Freud está morto), antecipando, de certa forma, o que proporia a petição.

O que podemos dizer do assunto? O centenário da psicanálise coincide aqui com o centenário de publicação de *A Interpretação dos Sonhos*. No momento em que se proclama “Freud is dead”, se faz oportuna a motivação de revisitar alguns pontos fundamentais dessa obra.

### Um século de sonhos

Em 1931, quando a teoria psicanalítica já se encontrava bem desenvolvida, Freud afirmou, a respeito de sua obra *Die Traumdeutung*: “Contém, mesmo de acordo com meu julgamento presente, a mais valiosa de todas as descobertas que minha boa fortuna permitiu-me fazer. Revelação como esta, o destino nos concede apenas uma vez no curso de uma existência.”

### Sonho: um fenômeno psíquico

O capítulo II de *A Interpretação de Sonhos* intitula-se “O método de interpretação dos sonhos: análise de um sonho modelo”. Logo no início, Freud deixa claro que sua motivação de estudo dos sonhos não se insere nas perspectivas adotadas até então (o sonho considerado como acontecimento fisiológico, somático). Para o autor, o sonho se constitui em um fenômeno psíquico de comunicação. Ele possui um sentido, ou seja, não se trata de um amontoado de imagens absurdas e incoerentes. Interpretar um sonho

significa “questionar” essa comunicação, em princípio ininteligível, a fim de chegar ao seu sentido.

Com o objetivo de introduzir a discussão acerca de seu método de interpretação, Freud fala de duas antigas maneiras de se lidar com os sonhos, próprias, como ele diz, ao “mundo leigo”. Um primeiro tipo de interpretação “leiga” dos sonhos seria o “simbólico”. Tal método considera o sonho como um todo e procura, por meio de uma associação simbólica, substituir o conteúdo indecifrável do sonho por outro qualquer que faça sentido. Um exemplo desse tipo de interpretação é colhido por Freud na Bíblia: o famoso sonho das sete vacas gordas e sete vacas magras simbolizando anos de fartura seguidos de anos de miséria. Portanto, a interpretação simbólica depende de uma inspiração especial capaz de encontrar uma idéia inteligível correspondente a cada sonho. Tal procedimento não segue nenhuma sistematização teórica e se torna cada vez mais difícil à medida que o sonho se apresente como confuso e desconexo. O segundo método “leigo” citado por Freud é o de “decifração”. Esse método considera os elementos do sonho em separado e como se constituíssem uma criptografia. Cada elemento onírico (ex.: um bosque, uma casa, o mar...) teria um significado fixo e pré-determinado. O procedimento de “decifração” nos remete aos “manuais de interpretação de sonhos” comuns até hoje em nossas bancas de revistas. Freud cita dois exemplos de relações próprias a esses manuais: sonhar com uma carta se traduziria em “transtorno”, sonhar com um funeral significaria “noivado”. Fica evidente que esse segundo método trata do sonho em quase completa alienação da vida do sonhador. Além disso, a relação entre os significados pré-estabelecidos dos diversos elementos oníricos se daria sem nenhuma consistência teórica.

Sendo assim, Freud descarta esses “métodos populares de interpretação dos sonhos”, pois eles não se prestam a uma “abordagem científica do assunto”. O autor se pergunta: deveríamos, então, considerar impossível a tarefa de interpretar os sonhos e tachá-la como fantasiosa como faz a ciência de nosso tempo? Não, absolutamente. Freud reafirma a idéia de que os sonhos possuem sentido e de que é possível a elaboração de um método científico para interpretá-los.

### O método

“Se não puder dobrar os deuses de cima, comoverei o Aqueronte.”  
(Virgílio, *Eneida*, Livro VII, 312)

Essa é a máxima que abre o livro *A Interpretação de Sonhos*, frase perpassada por mitologia e enigma. Comover o “Aqueronte” (representação para os Deuses infernais) foi utilizado por Freud no sentido de “agitar o submundo” (do latim: “Acheronta movebo”). O autor nos dá assim a sutil informação sobre a parte mais importante da dinâmica dos sonhos: “O desejo rejeitado pelas instâncias psíquicas superiores (o desejo recalçado do sonho) agita o submundo psíquico (o inconsciente) para se fazer escutar.” (Freud, 1987a, p. 17).

\*\*\*

Por muitos anos, Freud trabalhou, juntamente com Josef Breuer, no tratamento de sérios acometimentos mentais considerados patológicos, como a histeria. Sua prática se dava a partir do pressuposto de que tais sintomas patológicos remetiam a causas psíquicas inconscientes. A solução desses sintomas passaria, então, por sua decomposição: o paciente fica livre da patologia na medida em que entra em contato com suas motivações obscuras e sub-reptícias. Ou seja, a cura dos sintomas patológicos se dá por meio da elaboração consciente dos conteúdos psíquicos inconscientes.

Foi seguindo esses princípios em sua prática clínica que Freud se deparou com a interpretação dos elementos oníricos. Os pacientes contavam-lhe seus sonhos quando eles se relacionavam a um assunto específico tratado na análise. Assim, Freud pôde associar os fenômenos e elementos dos sonhos às manifestações patológicas em jogo. Rapidamente, Freud constatou que os sonhos e os sintomas tinham a mesma lógica de estruturação. Sendo assim, o método para a interpretação dos sonhos deveria ser análogo àquele utilizado para decompor os sintomas.

Por isso, o “método de associação livre”, utilizado na pesquisa dos materiais inconscientes, foi adotado com o objetivo de interpretar os sonhos. O paciente deve abdicar de toda reflexão crítica que normalmente faria a seus pensamentos em sua vida consciente normal e falar tudo o que lhe vier à mente a partir de um dado elemento associativo.

Portanto, Freud se aproxima de certa maneira ao segundo “método leigo” por ele descrito (o de decifração). Seu método consiste em escutar o relato que o paciente faz de seu sonho e analisar cada elemento em separado. No entanto, seguindo o método proposto por Freud, é o próprio paciente quem faz a análise (por meio das associações livres feitas para cada elemento do sonho). Freud considera também que a interpretação de um sonho não pode ser feita de maneira isolada, mas sim, dentro de um contexto analítico.

É necessário frisar que, aqui, o sonho é encarado como uma comunicação: ele possui sentido. Freud suspeitava que seus pacientes sabiam do sentido de seus sonhos, só não sabiam que sabiam. Resta ao analista questionar o paciente sobre seu sonho, instigá-lo a construir a interpretação para seus elementos oníricos a fim de que ele pudesse desvendar suas motivações inconscientes.

Desse modo, admitimos dois pressupostos fundamentais para a interpretação dos sonhos: a) Os sonhos são fenômenos psíquicos e b) O sonhador sabe o sentido oculto de seu sonho, só não sabe que sabe. É interessante observar que Freud se preocupou em bem justificar a adoção desses dois pressupostos. A Conferência VI da coletânea *Conferências introdutórias à Psicanálise*, intitulada “Premissas e técnica de interpretação”, traz essa preocupação com o rigor de adoção das “premissas”. Com relação à primeira, “Os sonhos são fenômenos psíquicos”, Freud evoca os próprios resultados das pesquisas que adotam esse pressuposto como justificativa para sua aceitação. Para fundamentar a segunda premissa, Freud recorre a experimentos realizados no campo da hipnose e na correspondência entre o estado hipnótico e o de sono. Indivíduos hipnotizados, que em princípio nada relembavam dos eventos ocorridos durante o transe, quando sistematicamente questionados a respeito do que lhes acontecera, rememoravam tudo aquilo que havia se passado.

### Sonho: a realização de um desejo

Ainda no Capítulo II de *Die Traumdeutung*, encontramos um relato de fundamental importância para a compreensão da teoria freudiana dos sonhos: a análise do “sonho de Irma”. Trata-se da análise que Freud fez a partir de um sonho que ele próprio teve. Dada a extensão do relato e a precisão com que Freud o faz, consideramos que não necessitamos detalhar minuciosamente essa auto-análise. Passamos, portanto, a um breve resumo em forma de tópicos:

#### Contexto:

Freud tratou uma amiga da família, Irma, acometida de histeria. O tratamento não foi concluído pois Irma não aceitava alguns pontos da análise feita, que foi, portanto, parcialmente eficaz.

Um médico amigo, Dr. Otto, informa a Freud que Irma está bem, “mas não inteiramente boa [curada]”.

Tal assertiva deixa Freud transtornado: ele se culpa pelo resultado insuficiente do tratamento.

Freud escreve uma carta ao Dr. M., amigo comum entre ele e Otto, a fim de relatar-lhe o caso de Irma e justificar-se.

O sonho (23 – 24 de Julho de 1895):

Freud e Irma se encontram em uma reunião de amigos em um grande salão.

Freud diz a Irma que, se o tratamento não obtivera sucesso, isso era culpa dela.

Irma lhe fala de dores na garganta e no estômago.

Freud pede que ela abra a boca para que ele pudesse examinar sua garganta.

Freud chama o Dr. M. que repetiu o exame e o confirmou.

Dr. M. prevê que haveria uma disenteria e que a toxina seria eliminada.

Otto aplicara em Irma uma injeção de um preparado de propil de forma impensada e com a seringa provavelmente suja.

Freud logo percebeu a correspondência estabelecida entre o sonho que teve e o contexto do dia anterior. Tendo essa evidência em mente, aplicou o método de associação que tinha previsto: para cada elemento do sonho, Freud deixava fluir as associações de acontecimentos e idéias que vivenciara e que lhe vinham à mente. Dessa maneira, efetuou sua análise.

Acabaríamos por nos estender demasiado se nos preocupássemos em reproduzir aqui cada associação feita por Freud. O importante é constatar a funcionalidade que ele atribuiu a seu sonho. De fato, seu psiquismo teria arranjado os elementos oníricos de maneira a: a) justificar seu procedimento no caso clínico de Irma, b) eximir-se da culpa pela insuficiência do tratamento e c) vingar-se de Otto por suas “acusações” infundadas. Nas palavras do autor:

(...) compreendi o ‘sentido’ do sonho. Tomei consciência de uma intenção posta em prática pelo sonho e que deveria ter sido meu motivo para sonhá-lo. O sonho realizou certos desejos provocados em mim pelos fatos da noite anterior (a notícia que me foi dada por Otto e minha redação do caso clínico). Em outras palavras, a conclusão do sonho foi

que eu não era responsável pela persistência das dores de Irma, mas sim Otto. (...) O sonho me eximiu da responsabilidade pelo estado de Irma, mostrando que este se devia a outros fatores – e produziu toda uma série de razões. O sonho representou um estado de coisas específico, tal como eu desejaria que fosse. *Assim, seu conteúdo foi a realização de um desejo, e seu motivo foi um desejo.* (Freud, 1987a, p. 138 – grifo do autor)

Freud se utiliza, então, dessa auto-análise para afirmar categoricamente o que se constitui na pedra angular da teoria do sonho: o sonho é a realização alucinada de um desejo.

### A revisão da teoria dos sonhos

Em *Novas Conferências Introdutórias*, podemos encontrar condensadas informações fundamentais à teoria freudiana dos sonhos. Especialmente a Conferência XXIX, intitulada “Revisão da teoria dos sonhos”, pode nos trazer contribuições diretas e concisas. A intenção de Freud é reafirmar muitos dos saberes constituídos acerca dos sonhos e que foram distorcidos, desconhecidos ou menosprezados pelo público em geral.

Mesmo tendo se passado mais de trinta anos da publicação de *A Interpretação dos Sonhos*, Freud ainda recebia cartas de pessoas que diziam ter lido sua obra, mas que provavam não a haver compreendido. Pediam, por exemplo, que o médico de Viena interpretasse, como que “magicamente”, um sonho que simplesmente transcreviam em sua correspondência, ou seja, a partir de um relato completamente desvinculado do contexto analítico. O autor se debate, também, contra o mito, deliberadamente atribuído à psicanálise, de que todo o sonho teria uma natureza sexual.

Ao mesmo tempo, pontos fundamentais teriam sido esquecidos. Começemos pelas funções do sonho.

### O sonho e suas funções

O fenômeno onírico, afirmava Freud, é a resultante de uma interação de forças: por um lado emerge do inconsciente o impulso desejante, de



outro age uma força repressora e deformadora desse impulso. Assim, delineamos uma primeira função do sonho: a realização de um desejo (que “agita o submundo”) por uma via alucinatória. Uma segunda função clara dos sonhos é a de manter o estado de sono. Os conteúdos oníricos fazem isso defendendo o indivíduo dos estímulos externos (incluindo o tocar do telefone no sonho, por exemplo) e internos (“mascarando” os próprios desejos inconscientes).

### **Sonho manifesto e pensamentos oníricos latentes**

Aquilo que recordamos do sonho assim que acordamos, seus elementos, sua seqüência mais ou menos lógica ou difusa, enfim, suas características gerais, constituem o “texto do sonho” ou o “sonho manifesto”. Freud afirma, no entanto, que o sonho é uma mensagem escrita em duas vias: por trás do texto do sonho e de seu caráter ininteligível, existe algo que podemos compreender, o sentido do sonho, ou seja, os pensamentos oníricos latentes.

### **O processo de elaboração onírica**

Há, portanto, uma tarefa de ordem prática com relação aos sonhos: interpretá-los e relacioná-los ao conteúdo pertinente na análise. Entretanto, há também uma tarefa teórica importantíssima: a de explicar a elaboração onírica, ou seja, como o desejo inconsciente fora transformado em texto do sonho.

Segundo Freud, os principais mecanismos de elaboração dos sonhos são a condensação e o deslocamento. Podemos descrever esses mecanismos de forma sucinta:

O processo de condensação fica evidente quando se compara o curto texto do sonho, com a enorme amplitude de associações possíveis em sua análise e com seus respectivos pensamentos oníricos latentes. Freud afirma: “a grande desproporção entre o conteúdo do sonho e os pensamentos do sonho implica que o material psíquico passou por um extenso processo de condensação no curso da formação do sonho.” (Freud, 1987a, p. 272). O autor diz também, que a condensação se dá por duas vias: tanto vários pensamentos oníricos latentes podem estar condensados em alguns elementos do texto do sonho como o inverso também acontece.

Já o processo de deslocamento tem sua essência no desvio de nossa atenção para elementos triviais do sonho, que estão muito indiretamente vinculados ao desejo inconsciente. Diz Freud: “O sonho tem, por assim dizer, uma centração diferente dos pensamentos oníricos – seu conteúdo tem elementos diferentes como ponto central.” (Freud, 1987a, p. 294)

### Sonho, sintomas e o sujeito

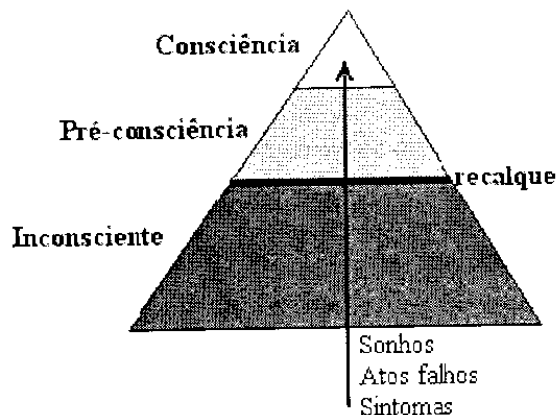
Vimos, de maneira concisa, como Freud se deparou com as manifestações oníricas e como aplicou seu método para investigá-las. Entretanto, não podemos nos deter por aí. Não é por acaso que Freud atribuiu tanta importância à teoria dos sonhos: ela inclui aspectos fundamentais da elaboração freudiana acerca dos sintomas e do aparelho psíquico.

O sonho envolve conteúdos inconscientes que estão sob recalque e sofrem sua resistência se querem emergir à consciência. Quando dormimos, nossa capacidade de censura cai: o sonho atravessa o recalque e se torna consciente na forma de texto do sonho. O sonho seria, então, uma espécie de psicose onírica. Quando se dorme, atenua-se a vigilância do recalque e, assim, sonhamos. Os conteúdos inconscientes promovem o “retorno do recalcado” marcando, desse modo, sua semelhança com os sintomas neuróticos e psicóticos. Dentre as manifestações “psicopatológicas” da vida cotidiana, eis o sonho, via régia de acesso ao inconsciente.

Nesse momento, o “sujeito” freudiano fica em evidência: o sujeito das palavras trocadas (lapsos, atos falhos) e da narrativa deformada dos sonhos. Aparece o sujeito que sabe coisas e não sabe que sabe, aparece o sujeito dividido.

Esquema das implicações da teoria dos sonhos:

(Formação dos sintomas  
e modelo topográfico do  
psiquismo)



### Conclusão

Na apresentação de *A Interpretação dos Sonhos* à 1ª edição brasileira, Walderedo I. de Oliveira escreveu:

Uma questão, no entanto, poderia ser levantada: que lugar será reservado, no futuro, para esta obra fundamental acerca do significado dos sonhos, considerando-se o presente desenvolvimento da investigação neurofisiológica dos processos do dormir e do sonhar? Creio que *A Interpretação dos Sonhos* continuará como um modelo para o estudo e a compreensão psicológica do fenômeno onírico, enquanto se considerar essencial, no homem, sua peculiaridade de pensar, criar símbolos, elaborar fantasias, conscientizar.

Durante a elaboração deste trabalho, tivemos a oportunidade de passar rapidamente por alguns pontos fundamentais da teoria freudiana dos sonhos: o

sonho como a realização de um desejo, a elaboração onírica, o método de associação livre, entre outros. Pudemos, nesse relance, perceber a infinidade de contribuições que Freud nos trouxe, a riqueza e a revolução de seus pensamentos.

Então, por que se proclama “Freud está morto”?

Vivemos, atualmente, uma grande expansão da medicina neurofisiológica, mas parece que não refletimos muito bem a respeito. Algumas perguntas ressoam inquietas: será que o ser humano pode ser restrito a seus aspectos biofisiológicos? Que condições sócio-econômicas cercam a valorização da produção de psicofármacos, de neuroexames e de neurocirurgias?

Trinta anos depois da publicação de *Die Traumdeutung*, Freud se via ainda cercado de dúvidas. Hoje, cem anos depois, parece que temos, mais uma vez, que valorizar a releitura de seus escritos.

### Referências bibliográficas

FREUD, S. *A Interpretação dos Sonhos*. In: *Edição brasileira das Obras Completas*. vol. IV e V. Rio de Janeiro: Imago, 1987a.

\_\_\_\_\_. Conferências Introdutórias. In: *Edição brasileira das Obras Completas*. vol. XV. Rio de Janeiro: Imago, 1987b.

\_\_\_\_\_. Novas Conferências Introdutórias. In: *Edição brasileira das Obras Completas*. vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1987c. Conferência XXIX: Uma revisão da teoria dos sonhos.

FOUCAULT, M. *Nietzsche, Freud e Marx / Theatrum Philosophicum*. Porto: Edições Rés.

MARIGUELA, M. A peste onírica. *Cult, Revista Brasileira de Literatura*. São Paulo, n. 28, p. 50-56, nov. 1999.